

# FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA SOCIOEDUCATIVA A LUZ DA RAZÃO

**Pedro Henrique dos Santos Ramos<sup>1</sup>**

**Paulo Cesar Delboni<sup>2</sup>**

## RESUMO

O presente trabalho visa responder a seguinte pergunta: Qual é a função e a importância da filosofia para a educação? Particularmente a educação se vê diante de novos desafios que são cruciais para o estabelecimento de seus objetivos e suas práticas. O objetivo da presente pesquisa é evidenciar a importância do ensino de Filosofia para a educação além de descrever, segundo opinião de autores da área analisar os elementos centrais da relação entre filosofia e educação presentes nos escritos de filósofos e teóricos da educação demonstrar como a relação entre filosofia e educação implica em uma relação necessária diante da finalidade entre ambas enquanto campos de conhecimento. A metodologia utilizada neste trabalho foi calçada na pesquisa bibliográfica, que possibilitou estudo, pesquisa, análise e reflexão da temática estudada. Assim a pesquisa apresenta a demonstração de que a educação não é contrária à liberdade, para tanto, procura empregar uma perspectiva do tipo explicativa, registrando, analisando e interpretando a questão do homem, da liberdade e da educação presentes nas obras de Jean-Jacques Rousseau. A Filosofia requer que estejamos abertos ao novo procurando demarcar espaços que têm especial relevância para da Educação. Kant entende que pela Educação parte do princípio de que ela é um processo constante e permanente, capaz de levar o homem ao seu aperfeiçoamento como sujeito moral. Isto é, o homem aprende a ser moral por intermédio da educação. Por fim, a contribuição pedagógica de Paulo Freire.

**Palavras-Chaves:** Educação; Filosofia; Razão e Pedagogia.

## ABSTRACT

The present article intends to answer the following question: What is the function and the importance of Philosophy for the education? Particularly, education faces challenges which are crucial to establish its objectives and practices. The present objective of this research is highlight the importance of Philosophy teaching for education, besides describing according to author's opinion in the area, analyze the main elements in the relation between philosophy and education, presented in the philosophers writings and theorists in education. As so, showing how the relation between philosophy and education implies in a necessary relation against the goal between both, as knowledge areas. The methodology used in this article was

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano de Vitória. E-mail: pedrohsantos@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia (PUC/MG), Mestre em Filosofia pela Pontificia Universitas Gregoriana Roma e doutorando em Filosofia pela Universidade Católica de Santa Fé – Argentina. E-mail: pdelboni@unisales.br

cemented through bibliographic research, which made the study possible, regarding research, analysis and the thoughts of the theme studied. As a result, the research shows a demonstration that education is not against freedom, and for this, looks use an explainable type of perspective, booking, analyzing and interpreting the matter of men, freedom and the education shown through Jean-Jacques Rousseau creations. Philosophy requires that we are open to the new, pinpointing rooms which have special relevance for education. Kant understands that education starts from a beginning that it is a lasting process, able to guide the men to your improvement as a moral being. That is, the man learns to be moral/ethical through education. Last but not least, the Paulo Freire's pedagogical contribution.

**Keywords:** Education. Philosophy. Reason. Pedagogy

## 1 INTRODUÇÃO

É fato que a capacidade de aprender não é uma característica exclusivamente humana. Ou seja, tal capacidade extrapola o universo humano e racional. Porém, o que distingue e enobrece o ser humano é a sua capacidade de se educar e educar os outros em uma dimensão que transcende a mera existência laboral ou material e, assim, produzir coisas que são exclusividade humana, como a política, a arte ou a ética. As produções que essa condição humana possibilita, permitem a coexistência de uma pluralidade de pessoas e manifestações livres de todas as espécies.

No primeiro capítulo do trabalho bibliográfico, início buscando as origens da relação entre filosofia e educação o campo filosófico constitui-se como o mais antigo tendo sua origem atribuída ao final do século VII e início do século VI a.C nas colônias gregas da Ásia Menor, na cidade de Mileto, sendo o primeiro filósofo Tales de Mileto. A palavra filosofia é de origem grega composta pela junção das palavras Philo, que significa amizade, amor fraterno, respeito e Sophia, que significa sabedoria assim, a filosofia é entendida como sendo a amizade pela sabedoria e o filósofo visto como aquele que tem amor pelo saber. Para Saviani (1990, p. 30) o filósofo é:

[...] um especialista do pensamento, [...] ele 'não só pensa' com maior rigor lógico, com maior espírito de sistema, do que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento, isto é, sabe quais as razões do desenvolvimento que o pensamento sofreu até ele e está em condições de retomar os problemas a partir do ponto onde eles se encontram após terem sofrido a mais alta tentativa de solução, etc.

Fazer filosofia é então estar em caminho, em busca; a consciência filosófica é uma consciência inquieta, insatisfeita, presa a um ceticismo e não à posse de um saber absoluto.

A educação mostrada é aquela voltada para a natureza, que não se restringe apenas ao conhecimento, mas a formação do sujeito. Assim a pesquisa apresenta a demonstração de que a educação não é contrária à liberdade, para tanto, procura empregar uma perspectiva do tipo explicativa, registrando, analisando e interpretando a questão do homem, da liberdade e da educação presentes nas obras de Jean-Jacques Rousseau.

A definição de sujeito ganha destaque na pesquisa, na medida em que é um conceito contraditório na perspectiva do filósofo, pois, o cidadão é sujeito e sujeito de suas ações quando integrante da sociedade. Neste prisma, é que no segundo capítulo do trabalho vou apresentar a associação entre os indivíduos, em que a liberdade esteja presente, na perspectiva de Rousseau.

Ainda no capítulo segundo a teoria de Kant apresenta um aspecto filosófico para discutir a educação, e com isso consegue fazer críticas bastante direcionadas ao processo educacional. Faz alguns questionamentos sobre como seria o método mais adequado para educar o indivíduo independentemente da classe social, visto que a educação não apresenta a característica de educar o homem conforme o seu nível social ou econômico, mas deve pensar no sujeito como um todo; pois a educação não está estruturada para formar o homem apenas para o trabalho.

Como objetivos norteadores do estudo propõem-se: analisar os elementos centrais da relação entre filosofia e educação presentes nos escritos de filósofos e teóricos da educação, que expressam as conexões entre esses campos de conhecimento; mapear os campos da filosofia e da educação, observando os aportes teóricos entre esses campos do conhecimento; caracterizar a relação entre filosofia e educação nos discursos clássico, moderno e contemporâneo da filosofia e da educação com vistas ao esclarecimento da natureza da interconexão entre esses campos de conhecimento; demonstrar como a relação entre filosofia e educação implica em uma relação necessária diante da finalidade entre ambas enquanto campos de conhecimento; discutir a compreensão de que a filosofia apresenta uma dimensão pedagógica intrínseca, bem como a reciprocidade da afirmação, demonstrada na formação e atuação do educador.

## **2 A GÊNESE DOS CONCEITOS DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

### **2.1 A FILOSOFIA COMO FORMA RACIONAL DE CONHECER E SUA ORIGEM**

Ter conhecimento sobre a história da filosofia, mesmo que breve, pode nos fornecer pistas para compreendermos como o campo do saber filosófico originou as diferentes ciências e foi decisivo para a busca de respostas para os enigmas da vida, outrora explicados apenas por mitos. Apesar de não valer-se do empirismo e levar em consideração explicações metafísicas em suas observações, a filosofia clássica nos apontou a relevância da sistematização, do rigor e da racionalidade na estruturação do pensamento.

A fase inaugural da filosofia deu início basicamente na Grécia antiga, de um período conhecido como, pré-socrático, de acordo com a tradição histórica, o interesse filosófico está voltado para a natureza.

Indagações e questionamentos levaram os gregos a inquietarem-se na busca de explicações racionais que pudessem explicar os acontecimentos naturais, humanos e sociais que permeavam sua existência posto que os mitos já não fossem suficientes para dar conta dessas indagações. Foi por causa dessas inquietudes que surgiram as bases para a construção dos fundamentos da racionalidade lógica no ocidente ao longo dos anos, a partir da Filosofia.

Marilena Chauí nos oferece uma espécie de “linha do tempo da Filosofia” não como percurso reto a ser seguido como um trajeto linear e sem desvios, mas, muito mais, como possibilidade de nos situarmos de forma sistematizada ao longo desse tempo:

A história da filosofia grega é composta por quatro períodos, são eles: Período pré-socrático ou cosmológico (do final do século VII ao final do século V a.C.), período em que a filosofia se ocupa fundamentalmente com a origem do mundo e as causas das transformações da natureza. Período socrático ou antropológico (do final do século V e todo o século IV a.C.), quando a filosofia investiga as questões humanas. Período Sistemático (final do século IV ao final do século III a.C.) quando a filosofia busca reunir sistematizar tudo quanto foi pensado pela cosmologia e pelas investigações sobre a ação humana na ética, na política e nas técnicas. Período helenístico ou greco-romano (do final do século III a.C. até o século IV d.C.) Nesse longo período, que abrange a época do domínio mundial de Roma e do surgimento do cristianismo, a filosofia se ocupa sobretudo com as questões da ética, do conhecimento humano e das relações entre homem e a natureza e de ambos com Deus. (CHAUÍ, 2006, p.39).

Os primeiros filósofos reconhecidos, os pré-socráticos, eram sobretudo metafísicos preocupados em estabelecer as características essenciais da natureza no seu todo. Platão e Aristóteles escreveram penetrantemente sobre metafísica e ética; Platão sobre o conhecimento; Aristóteles sobre lógica (dedutiva), a técnica mais rigorosa para justificar crenças; estabeleceu as suas regras de uma forma sistemática e manteve intacta a sua autoridade durante mais de 2000 anos.

Historicamente, a filosofia demorou a se fundamentar, pois, na antiguidade o pensar era impregnado por mitos e convicções de Fé da religiosidade, o que dificultou o estabelecimento da racionalidade específica da filosofia. Ou seja, a filosofia já nasce calcada na forma como concebemos o pensamento racional ainda nos dias atuais. Segundo Chauí, a filosofia grega teve forte influência sobre a formação do pensamento e das instituições das sociedades ocidentais. Assim, a filosofia, inicialmente, tinha o objetivo de explicar racional e coerentemente as questões da *physis* relacionadas aos aspectos referentes à cosmologia e, posteriormente, questões referentes à polis. Com o passar dos anos, novas temáticas foram sendo incorporadas à reflexão filosófica. Reflexões essas marcadas por um pensamento voltado para a explicação racional dos fenômenos que constituíam as inquietações dos homens daquela época, em que muitas dessas questões ainda persistem.

Na Idade Média, ao serviço do cristianismo, a filosofia apoiou-se primeiramente na metafísica de Platão, e em seguida na de Aristóteles, com o propósito de defender crenças religiosas. No Renascimento, a liberdade de especulação metafísica ressurgiu; na sua fase tardia, com Bacon e, de um modo mais influente com Descartes e Locke, dirigiu-se para a epistemologia com o objetivo de ratificar e, tanto quanto possível, acomodar a religião e os novos desenvolvimentos das ciências naturais (CUNHA,1992).

## 2.2 O QUE É FILOSOFIA?

Quando nos deparamos com essa pergunta, esperamos uma resposta exata, porém, na verdade estamos diante de uma série de significados, aos quais, juntos, dão sentido ao o que vem a ser a Filosofia. Esta pergunta, talvez, seja o ponto de partida de alunos, que iniciam seus estudos em Filosofia.

A filosofia trata da realidade não a partir de recortes, mas do ponto de vista da totalidade. A visão da filosofia é de conjunto, de entendimento do problema, não de modo parcial, mas relacionando cada aspecto observado outros do contexto em que está inserido (CUNHA,1992).

Podemos buscar um significado para filosofia a partir de sua etimologia:

A palavra filosofia é grega. É composta de duas outras: philo e sophía. Philo quer dizer “aquele ou aquela que tem um sentimento amigável”, pois deriva de philía, que significa “amizade e amor fraterno”. Sophía quer dizer “sabedoria” e dela vem a palavra sophós, Sábio. [...] Filosofia significa,

portanto, “amizade pela sabedoria” ou “amor e respeito pelo saber”.  
(CHAUÍ, 2006, p.25)

Podemos ter várias explicações para responder essa pergunta, porem de forma mais rápida de explicar o que é filosofia? Fica bem clara a colocação, que filosofia significa “amizade pela sabedoria ou “amor e respeito pelo saber”.

Se levarmos em consideração somente estas formas de pensar a filosofia, tem-se a ideia de uma prática filosófica como mera contemplação, algo que se exerce apenas no campo das ideias. Porém, ainda guiada pela etimologia da palavra, vamos constatar que esta sugere afeto (*philia*) pelo saber, portanto não há como estabelecer uma relação direta com a contemplação. Dessa forma, a etimologia acima citada a respeito da palavra filosofia, por si só, não possibilita estabelecermos um sentido definidor do termo, diante da complexidade que a palavra suscita. O que me leva a concluir que não é possível entendermos realmente a filosofia através, somente, de sua etimologia.

Podemos definir, também o conceituar a filosofia como uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta.

“A filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ao contrário ela é a própria manifestação humana e sua mais alta expressão(...)A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, o homem não se alimenta da filosofia, mas sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia” (BRANGATTI, p. 13 1993)

A Filosofia não faz juízos de realidade, como a ciência, mas juízos de valor. Isto significa que filosofar é ir além do que é, é buscar entender como deveria ser, julgar o valor da ação, ir em busca do significado Filosofia propriamente surge quando um pensar torna-se objeto de uma reflexão (CUNHA,1992).

Segundo Deleuze, 1992: “A tarefa da filosofia é, antes de qualquer coisa, criar conceitos. O filósofo é inventor de conceitos”. Assim para entender melhor a filosofia como criação de conceito, Deleuze nos explica que:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. (DELEUZE e GUATARRI, 1992, p. 13)

Podemos concluir que “a questão da filosofia é o ponto singular onde o conceito e a criação, se remetem um ao outro.

## 2.3 BREVE RELATO SOBRE O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO

A educação é a forma de construção de conhecimento e atitudes necessárias para integração do homem à sociedade. Portanto, acontece em dois momentos distintos: primeiro, como educação familiar, segundo, como educação erudita.

A respeito da educação podemos observar diferentes momentos que são de fundamental importância para a história de nossa humanidade: Período Antigo, subdividido em Primitivo, Antigo e Medieval, Moderno, destacando-se o Renascimento. Como algo inerentemente humano, a educação se transforma e o processo educacional segue as normas e os padrões de cada período histórico, respondendo a necessidade de cada sociedade.

A arte Rupestre, feita na parede das cavernas, exposta acima, representa o período de 4.000 a.C. Acredita-se que teriam uma finalidade ritualística.

O período primitivo corresponde à pré-história. Anterior à escrita, a educação primitiva tem como objetivo ajustar a criança em seu ambiente físico e social através da aquisição das experiências. O saber, neste período, é disponível a qualquer pessoa, não existe divisão social. Os chefes de família são os professores.

As mudanças na educação ocorrem com a revolução neolítica, onde é fixada uma divisão educativa, paralela à divisão do trabalho. (homem/mulher).

Poderíamos nos adentrar mais profundamente sobre a educação em cada civilização ou sociedade, e como se deu no desenvolvimento de cada sociedade, porém entre várias destacarei a Grécia Antiga.

A educação tem como princípio a formação do cidadão, completo e virtuoso, para tanto é necessário um modelo que abranja corpo e mente; concomitantemente com o surgimento do pensamento filosófico surge a palavra Paidéia.

Por volta do século v a.C. é criada a palavra *Paidéia*, que de início significa apenas 'criação dos meninos' (pais, paidós, 'criança'). Mas com o tempo, a palavra adquire nuances que tornam intraduzível. Werner Jaeger, famoso helenista alemão escreveu uma obra com esse nome, diz: Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como *civilização, cultura, tradição, literatura ou educação*; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os gregos entendiam por Paidéia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez (ARANHA, 1989, p. 37).

É com os gregos que educação toma base e princípios novos. Temos na antiga Grécia princípios educacionais diferenciados, por exemplo, em Atenas e Esparta. Enquanto Atenas prepara a pessoa para a cidadania e exercício público, em Esparta

os meninos são considerados como pertencentes ao estado, e assim eles devem se desenvolver fisicamente para a defesa da sua polis.

Com Sócrates temos o começo do desenvolvimento dos princípios éticos nas bases da educação. Sócrates também foi um grande opositor aos sofistas, que eram mestres itinerantes que ensinavam qualquer pessoa em troca de pagamento. Embora eles tenham sido recriminados, podemos concluir que foi com os sofistas que começou todo o princípio real do que hoje conhecemos como educação. Platão expõe sua visão pedagógica na forma da alegoria da caverna.

## 2.4 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Sabe-se que a educação é uma atividade humana que funciona com um instrumento de preservação dos valores de uma sociedade e como um meio, por onde se realizam as transformações sociais. Por este motivo, ela precisa de pressupostos e conceitos que fundamentem e orientem seus caminhos.

Desta forma, a educação dentro de uma sociedade é uma prática que se encontra direcionada por uma determinada concepção teórica, uma concepção filosófica que norteia a sua prática educacional. As relações entre Educação e Filosofia são bastante estreitas, pois enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens das novas gerações de uma sociedade, a filosofia fornece a reflexão sobre a forma e o motivo de como se dá este desenvolvimento.

Anísio Teixeira diz que: “Muito antes que as filosofias viessem expressamente a ser formuladas em sistemas, já a educação, como processo de perpetuação da cultura, nada mais era do que o meio de se transmitir a visão do mundo e do homem, que a respectiva sociedade honrasse e cultivasse”.

A filosofia estabeleceu um vínculo originário com a educação desde que os gregos adquiriram consciência filosófica, no séc. IV a. C., aproximadamente. Trata-se do período em que a sofística deu início à problematização da prática e da teoria educacional, continuada por Sócrates e Platão, com uma “consciência profunda acerca da complexidade das questões humanas e sociais” (SCOLNICOV, 2006, p. 16). Esse movimento configurou uma tendência de familiaridade da filosofia com a educação, expressa na ideia de fundamentos para produzir, paulatinamente, um afastamento em função de novos contextos sociais, epistemológicos e culturais e, sobretudo, pelo surgimento das ciências, a partir do período moderno, quando só é



considerado saber científico aquele que segue os limites impostos pela autocerteza e pela autofundamentação da razão.

Podemos arriscar dizer que foi com Sócrates e sua maiêutica, que se deu a relação inaugural, no sentido pedagógico, entre a Filosofia e Educação, porém, desde os primórdios da filosofia, muito antes de Sócrates, já a partir de seus predecessores, essa relação pode ser percebida, se considerarmos que todo processo Educativo passa necessariamente por “[...] uma questão primordial do ser humano, na busca por entender sua existência no mundo e por transmitir essa experiência aos outros seres.” (MENDONÇA, 2011, p. 3)

Filosofia e educação e, por consequência, e de certo modo, somos levados a considerar a sua relação. São duas áreas de saber grandiosas e que se ramificam em inúmeras especialidades, temáticas e períodos. A educação é em si uma complexa atividade humana. Segundo Arendt (2013), entre outras coisas, a educação é o processo de inserção das novas gerações no velho mundo. Já a filosofia possui uma ampla gama de definições como procuraremos mostrar abaixo e que, de certo modo, corroboram com a definição razoável, de que “filosofia é aquilo do que se ocupam os filósofos” (BOUFLEUER; NEITZEL, 2014, p. 3). A filosofia resulta do esforço humano em construir entendimentos e compreensões sobre o mundo, conceituá-lo e dar-lhe sentidos e significados. Como afirma Deleuze (1999, p. 3), filosofar é a ação de “inventar conceitos”.

As relações entre filosofia e educação são tão intrínsecas que John Dewey pôde afirmar que as filosofias são, em essência, teorias gerais de educação. Está claro que se referia à filosofia como filosofia de vida. Sendo a educação o processo pelo qual os jovens adquirem ou formam "as atitudes e disposições fundamentais, não só intelectuais como emocionais, para com a natureza e o homem", é evidente que a educação constitui o campo de aplicação das filosofias, e, como tal, também de sua elaboração e revisão. Muito antes, com efeito, que as filosofias viessem expressamente a ser formuladas em sistemas, já a educação, como processo de perpetuação da cultura, nada mais era do que meio de se transmitir a visão do mundo e do homem, que a respectiva sociedade honrasse e cultivasse.

Filosofia e educação se fazem campos correlatos de estudo e de prática, e em nenhum outro período da história se registra afirmação mais decisiva, primeiro, quanto à função da educação na formação e distribuição dos indivíduos pela sociedade e, em segundo lugar, quanto ao reconhecimento de que sociedade

ordenada e feliz será aquela em que o indivíduo esteja a fazer aquilo a que o destinou sua natureza.

Como se distribuiriam os homens? A observação do senso-comum estava a mostrar que se escalonavam eles em graus diversos de capacidade mental, alguns mal se libertando dos apetites e necessidades do corpo, outros alcançando a coragem e a generosidade, e outros ascendendo, afinal, à contemplação intelectual e ao gosto das ideias e das formas do espírito.

Com tais elementos não seria difícil a fórmula especulativa pela qual se ordenasse o complexo do mundo e do homem. O pressuposto fundamental aí estava: tudo que existe se divide em Formas e Aparências, as primeiras reais, eternas, e, só elas, suscetíveis de conhecimento, e as últimas, passageiras, mutáveis, em processo de ser mas não chegando a ser, suscetíveis apenas de produzir opiniões e crenças, sem valor de saber, isto é, saber racional.

### **3 A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA DE ALGUNS PENSADORES EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO.**

Hoje, quando falamos em Educação, nem sempre relacionamos diretamente com a Filosofia – relacionamos com psicologia, pedagogia, uma série de outras áreas, esquecendo que a Filosofia, originalmente como busca da sabedoria, está diretamente ligada ao homem. O homem como ser social e cultural está incluído nesta sabedoria que o filósofo busca compreender, e um dos elementos fundamentais para entender sobre o homem é saber como educá-lo.

Nas etapas do contexto histórico da filosofia, podemos apresentar vários pensadores que contribuíram para a evolução intelectual e humana da sociedade.

Portanto, se observarmos a história da civilização humana ou da Filosofia, vamos perceber que “Educação e Filosofia” se relacionam de forma natural quase que intrinsecamente. Cabe ressaltar que a primeira grande formulação filosófica, no Ocidente, iniciou com os mais evidentes propósitos educativos.

Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou se desenvolver estes jovens e esta sociedade.

#### **3.1 AS CONTRIBUIÇÕES DE ROUSSEAU E KANT NA EDUCAÇÃO**

Podemos considerar, que o processo educacional, mostrando que esta colabora para a interação do indivíduo com o meio que o cerca. Consequentemente a educação exerce sua influência no comportamento humano, tirando deste as incoerências, criando situações para o exercício da experiência, dos sentidos, direcionando o indivíduo no caminho da natureza. Assim, cabe ao estudo mostrar a educação como aquela que prepara o indivíduo para a vida dentro da sociedade, harmonizado com a natureza, onde o bem comum é o principal resultado neste processo. A partir do então, mergulharemos nas análises dos pensadores da educação, Rousseau e Kant.

### 3.2 A INTERPRETAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEGUNDO ROUSSEAU

Jean-Jacques Rousseau, suco nascido em 28 de julho de 1712 em Genebra Suíça foi um dos mais importantes teóricos políticos, filósofo, escritor, compositor e faleceu em 1778 na França. Rousseau apresentou um ensino enfatizando a necessidade da educação individual, para que os alunos tornassem independentes e dono das próprias escolhas. Conviveu com muitos filósofos, cientistas e estudiosos do período do Iluminismo (Século XVIII) como Montesquieu, Voltaire, Kant, Locke e Newton, dos quais recebeu críticas por seus escritos.

Durante a infância há fragilidade e dependência, mas para Rousseau é temporário, pois nascemos livres e as crianças precisam estar preparadas para enfrentar os desafios da sociedade. Segundo a teoria desenvolvida por Rousseau, a brincadeira e os esportes fazem com que o aprendizado sobre linguagem, canto, geometria e aritmética colabora com autonomia infantil. A educação que prepara o aluno para o mundo, portanto autonomia e desenvolvimento psíquico contribuem com uma sociedade independente e evolutiva;

Quanto ao meu aluno, ou melhor, o da natureza, exercitado desde cedo a bastar-se a si mesmo na medida do possível, não costuma a recorrer sem cessar aos outros e menos ainda em exhibir-lhes o seu grande saber. Em compensação, julga, prevê, raciocina em tudo que se relaciona de perto consigo. Não discursa, age; não sabe uma palavra do que se faz na sociedade, mas sabe muito bem o que lhe convém. (ROUSSEAU, 1995, p. 113)

A racionalidade para Rousseau ela ajuda calcular, julgar e prever suas intenções, de certa forma a fantasia atrapalha o desenvolvimento racional, para o estudioso desta forma ele acredita que desta forma aumente os desejos e vá além da realidade.

Durante sua vida escreveu várias obras, as principais, foram o discurso sobre a desigualdade entre os homens, que trata de uma obra de 1753 que aborda a origem dessa desigualdade entre os homens. O contrato social, a firmando que a vida social é uma espécie de contrato, onde a sociedade condiciona sua liberdade para um bem geral, obra que também está condicionada a demonstração de uma educação social e política, e o Emilio ou da educação, esta última marcou profundamente a sua época, e trouxe grande sucesso revolucionando a pedagogia e servindo de ponto de partida para as teorias de todos os grandes educadores do século XIX e XX. Trata-se de um romance filosófico onde o homem é visto como bom por natureza, mas que a sociedade o corrompe.

Rousseau ao desenvolver suas pesquisas, destacou a importância do desenvolvimento infantil individual, ou seja, desenvolver a capacidade de maneira autônoma e racional. Em sua concepção ao constituir sua essência natural, caberia ao homem seguir e obedecer a instruções do crescimento natural do ser-humano. Faz parte do crescimento contato com a realidade, desse modo requer cuidado com as crianças.

A observação feita pelo filósofo relacionada a formação das crianças, é que a relação adulto/criança gere conhecimento e tenha flexibilidade ao mostrar a realidade. Destacando as potencialidades das crianças sendo que possam percorrer um caminho seguro e que seja aceito em âmbito social. Compreendemos que para o autor a educação só pode ser conquistada quando há experiência, a vivência acaba fazendo parte das ações e reações, do cotidiano de forma natural e por vezes acontece de forma gradativa da vida do homem e desse modo à educação teria feito seu papel.

Outro contexto relacionado a educação para Rousseau, é a desigualdade entre os homens a arte da nação de propriedade privada, e numa busca constante de poder.

“[...], Mas a desigualdade se estende sem dificuldade entre as almas ambiciosas e covardes, sempre prontas a correr os riscos da fortuna e a dominar ou servir quase indiferentemente, conforme ela se lhes torne favorável ou contrária.” (ROUSSEAU, p. 134, 1754)

Portanto se a desigualdade parte do poder, ou pela busca, em se tratando da educação na visão rousseauiana podemos reafirmar que a educação também é uma ponte para esta busca, então percebemos que na própria educação acontece a desigualdade.

Contudo, ainda sobre a sua educação, observa-se o meio tradicional e ao mesmo tempo livre, pois o que Rousseau pretende é que o homem tenha a liberdade de aprender, que não seja apenas guiado pelos caminhos já projetados feitos por outro homem, mas que o próprio sujeito tenha liberdade de instruir a si mesmo. A esse respeito, Aranha afirma que “Rousseau quer que o homem integral seja educado para si mesmo. Viver é o que eu desejo ensinar-lhe. Quando sair das minhas mãos, ele não será magistrado, soldado ou sacerdote, ele será, antes de tudo, um homem” (ARANHA, p. 12, 1996). Por isso, a política e a educação caminham juntas Rousseau, uma completando a outra.

Mas, sobretudo no que nos refere é que também Rousseau em seus princípios educativos destaca que ciência e o homem devem ser ensinados como dever do homem, mas não deve se esquecer dos processos naturais da terra para evoluir. Isso significa que todo ser-humano deve gostar da infância e ter recordações de saudade. Ao ter um guia essa criança estará preparada para os benefícios e malefícios da vida, e Rousseau destaca que o homem que vive não é aquele que conta sua idade, mas aquele que sente a vida.

### 3.3 A EDUCAÇÃO EM KANT

Immanuel Kant nasceu no dia 22 de abril de 1724, na pequena cidade de Königsberg, antiga Prússia, onde foi professor catedrático, não casou e nem teve filhos. Embora de pequena estatura e físico frágil, era um homem extremamente metódico.

Embora Kant seja mais conhecido ou divulgado pelos seus textos chamados críticos – Crítica da Razão Pura (1781), Fundamentos da Metafísica dos Costumes (1785), Crítica da Razão Prática (1788), Crítica da Faculdade de Julgar (1790) –, os seus estudos abrangem e representam uma importante contribuição na formulação de uma nova concepção de mundo e de homem.

As reflexões kantianas sobre educação podem ser ancoradas em sua filosofia da história. No texto Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita (KANT, 1986), Kant aborda o tema da filosofia da história. A história (Geschichte) é a das ações humanas, da manifestação do jogo da liberdade da vontade humana que, dotada de um curso regular, fornece um sentido àquilo que se mostra confuso e irregular nos sujeitos individuais:

Os homens, enquanto indivíduos, e mesmo povos inteiros mal se dão conta de que, enquanto perseguem propósitos particulares, cada qual buscando seu próprio proveito e frequentemente uns contra os outros, seguem inadvertidamente, como a um fio condutor, o propósito da natureza, que lhes é desconhecido, e trabalham para a sua realização (KANT, 1986, p.10).

Portanto, é na natureza que se deve procurar o sentido da ação humana. Seria infrutífero pressupor que houvesse nos homens e nos seus jogos um propósito racional próprio. Cumpra a quem queira compreender o homem, descobrir, no curso absurdo das coisas humanas, um propósito que possibilite uma história segundo um determinado plano da natureza para criaturas que procedem sem um plano próprio. Kant considera o homem como um ser dotado de potencialidades que podem e precisam ser desenvolvidas para a realização máxima de suas disposições originais que é o aperfeiçoamento cada vez maior da humanidade.

Tal qual em sua filosofia da história, vemos na filosofia da educação de Kant, a perspectiva de um sentido para as coisas, para o ser humano, há um caminho teleológico a ser percorrido. Por esse caminho, foram deixadas sementes, nas quais estão todas as indicações e potencialidades que, a priori, são essenciais para que se possa chegar ao destino esperado. À educação caberá, portanto, ajudar o homem a cultivar tais sementes no solo do próprio eu, para que posteriormente surjam os frutos. Embora os animais cumpram seu destino por instinto, o homem não é obrigado a fazê-lo sem ter consciência do processo que ocorre, em razão do fato de que “o indivíduo humano não pode cumprir por si só esta destinação, esta finalidade, pois, não pode ser atingida pelo homem singular, mas unicamente pela espécie humana” (KANT, 1999, p. 19). E aí está exposto o lugar e participação do homem nessa conjectura, ele é ativo e consciente pela sua própria condição de um ser racional e livre.

Quando se tratava da educação, Kant priorizava a formação humana. A educação, para ele, tinha o compromisso de tornar o homem um ser moralista procurando tratá-lo de forma prática com as possíveis transformações que estavam a sua volta. Foi por uma revisão crítica dos fundamentos do saber e do agir iluminista através da crítica da razão (teoria e prática) que Kant iniciou uma pedagogia rigorista, destinada a formar um homem universal e racional, marcado pelo caráter e pelo domínio que nele exerce a racionalidade universal.

No pensamento kantiano encontramos um posicionamento que aponta para o homem como um ser para o qual há uma destinação para aquilo que o transcende. O homem é um ser para o infinito e, deve, portanto, inclinar-se a cumprir esse ideal:

“O destino do homem, portanto, é o infinito” (REALE, 1990, p. 932). É seguindo este caminho que queremos ter como bússola as hipóteses que foram expostas desde o princípio deste trabalho, para que não percamos de vista os objetivos almejados. A questão sobre a maneira pela qual a educação poderá contribuir de forma decisiva para que o homem possa superar seu estado de animalidade e, enfim, libertar-se, para chegar a um processo de humanização, é algo que permanece sendo nosso foco e sendo assim, as páginas que se seguirão para o próximo capítulo serão de fundamental importância para que tenhamos a ciência daquilo que pensa o filósofo de Königsberg acerca destas questões.

Elevar o homem ao seu grau máximo de perfeição pode ser, nestes termos, uma das atribuições da educação. A ela cumpre polir, esclarecer e que o homem possa, por seu trabalho, sair do estado de máxima rudeza em direção à máxima destreza e à perfeição do modo de pensar e, por conseguinte, à felicidade. Nesse caso, as gerações pretéritas têm como tarefa preparar às gerações futuras para:

[...] um degrau a partir do qual elas possam elevar mais o edifício que a natureza tem como propósito, e que somente as gerações posteriores devem ter a felicidade de habitar a obra que uma longa linhagem de antepassados (certamente sem esse propósito) edificou, sem mesmo poder participar da felicidade que preparou (KANT, 1986, p. 13).

As dificuldades sempre existirão, porém, elas fazem parte do processo que garantirá a construção de uma vida digna. A sociedade cosmopolita não está nem no início desse processo, por isso é preciso alertar para o fato de que há uma permanente tensão na realização das forças naturais. Os homens estão dotados da capacidade de se antagonizarem para o desenvolvimento de todas as suas disposições naturais. O antagonismo torna-se, ao fim, a causa de uma ordem regulada por leis. Kant chama-o de «a insociável sociabilidade», isto é, a inclinação dos homens «a entrar em sociedade», mas com a tendência de «uma oposição geral que ameaça constantemente dissolver essa sociedade» (1986, p. 13). A natureza semeou essa disposição no homem e fez dela o meio para que se cumpra a sua finalidade.

#### **4 A FILOSOFIA E A EDUCAÇÃO: UMA REALIDADE PARALELA?**

O século XXI está passando por diversas transformações sociais, culturais, ambientais entre outras a educação merece um destaque em especial. Trazendo consigo novas concepções ao desafio de educar as novas inovações tecnologia se faz presente na vida de muitas pessoas. Em meio ao desafio, os educadores vêm

buscando métodos que possam se adequar à nova realidade dos estudantes cada vez mais escassos de “vontade” e anseios em desbravar suas capacidades intelectuais. Em meio as tecnologias. Hoje tudo se tornou mais acessível, principalmente aos meios de informações com a TV, internet, redes sociais etc. Mas Paulo Freire nos advertia “Não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão “entregues” ou “disponíveis” ao que vier.” (FREIRE,1996.)

Em tempos de Fake News, o comentário De Paulo Freire nunca foi tão importante e atual. Em meio a ao comportamento de muitos, devemos fazer ao menos uma breve reflexão sobre o que ouvimos e lemos em nosso dia a dia. Hoje tudo vem com maior facilidade, maiores informações, contudo se torna mais fácil esquecê-las, pois confunde-se informação com conhecimento.

Na sociedade atual, a ideia de construção do Homem Novo, tornou-se estereótipos destinados a aqueles que tentam combater os novos desejos humanos. O de TER e não se preocupam com aquilo que em meio a sua caminhada vão deixando de SER. Novos conceitos são constituídos continuamente no ambiente pedagógico e há que se buscarem incessantemente novos meios e novos métodos que tenham o poder de criar esse Homem novo.

Contudo, a filosofia se mostra contemporânea e por que não dizer a mais futurista das ferramentas de construção do processo pedagógico. Na origem filosofia e pedagogia se confundiam na Grécia Antiga, as duas eram a mesma coisa, a convergência entres as duas era natural, não havia distinção entre elas, hoje assim como no passado precisamos retomar esse caminho de onde não deveríamos ter nos afastados, pois não há como separá-las, como Pavianinos diz :(apud. Botter 2012, p. 20).

“Na sua origem, a filosofia é propriamente um projeto educativo; num segundo momento, a filosofia fornece os fundamentos do projeto pedagógico e a pedagogia vira uma consequência do projeto filosófico; num terceiro momento, a filosofia assume a tarefa crítica relativa às teorias educacionais.”

Em um mundo onde tudo está, se automatizando, os pedagogos não podem permitir que os indivíduos deixem de pensar e desenvolver um senso crítico há cerca, da realidade. “É nesse sentido que reinsisto em que *formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas.”( do autor). Freire nos mostra que a pedagogia ao fundir-se com a filosofia pode resgatar o grande sortilégio de modificar Homens dotados de capacidade de transformar-se e de



modificar a realidade, deixando de lado os conceitos pré-estabelecidos pelo senso comum e pela alienação constante imposta pela sociedade que se apresenta.

O caminho é longo, mas de alguma maneira essa junção entre a filosofia e a educação torna-se essencial na busca de resultados promissores quanto a preocupação desse aluno, futuramente fazendo parte de uma história, inserido num mercado de trabalho, participante de uma democracia, se vendo responsável pelo futuro de uma sociedade. Portanto, é preciso ressaltar condições onde a filosofia possa ser parte integrante da formação do aluno pós Ensino Médio, é estar ciente de que o novo Homem irá ao mundo por ele vivido capacitado, de razão e vontades, instrumentos de qualificação humana em tempos escassos no que se refere ao saber.

A uma dificuldade em falar de filosofia e educação, pois ambas não possuem uma única definição, e é impossível apenas uma palavra ou termo que as determinem o que são. Mas nessas primeiras linhas, o tema abordado será a Educação.

A uma crescente discussão a respeito da educação, e qual é o seu papel em nossa sociedade, e em nosso país. A um aspecto positivo nessa questão em que a sociedade começa a pensar na importância da mesma e o seu papel. Vale destacar que no Brasil a educação não é um programa de uma nação e sim programa de governo, que após os seus anos de mandatos aquele ou aqueles programas não tem garantias de continuidade, mesmo que este já tenha demonstrado resultados positivos e que são viáveis, um exemplo disso é o método Freiriano que apesar de ter resultados tangíveis ainda é visto com desprezo por parte da sociedade.

A participação da sociedade viabiliza a todos, o conhecimento e a avaliação de tudo que é prestado. Quando a comunidade participa ativamente dos projetos ou mesmo de toda a construção da identidade da escola, fica mais fácil de atingir a qualidade no ensino, pois, ao avaliar, questionar e participar, o indivíduo promove o crescimento de todos. A participação da comunidade é imprescindível para a democratização e gestão do ensino, pois quando se fala em educação, promove uma ação política, "o ato de educar é uma ação política". A Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1987) nos diz:

A educação liberadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

Quando se fala em educação deve pensar no desenvolvimento sócio político, cultural, econômico, e isso só acontecerá se a nossa educação for um ato de libertação. “Uma educação só é libertadora quando o sonho do oprimido não é tornar-se o opressor”. Desde os primeiros passos o ser humano recebe, educação seja em casa, na igreja, na rua ou em outros ambientes, muitos responsáveis frequentemente perguntam como podem ajudar na educação da escola. Ora, eles não podem ajudar a escola, porque é essa instituição que os ajudam, a tarefa de educar é da família, é na família que ele recebe os seus princípios étnicos, a tarefa do estado é de desenvolver aptidões para o mercado de trabalhos como nos diz a Constituição Federal 1988:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Diante disso pode advém a pergunta: O que faz então a escola? A sua tarefa da escola é o da escolarização, um processo de formalização de conteúdos ela ajuda em uma parte da educação das crianças e dos jovens, visto que, a maior parte do tempo a criança fica com a família e está por sua vez deve dar a criança além dos itens básicos para sobrevivência, carinho, ternura, conhecimentos básicos sobre a vida em comunidade como se comportar etc. A educação como nos diz Brandão (1985, p. 10-11)

A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que criam e recriam entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. (...) Ela ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para outros o saber que os constitui e legitima.

A “filosofia e educação alimentam-se reciprocamente e avançam século após século na busca por fazer o homem cada vez mais humano” (CARBONARA, 2007, p. 253). O sistema educacional comete um grande equívoco quando fundamenta-se somente sobre perspectivas técnicas e pragmáticas esquecendo que o homem é uma criatura de vontades, medos, desejos, afetos. Educar a partir da perspectiva de uma educação libertadora, da filosofia de Paulo Freire seria romper com o pragmatismo e com todos os princípios autoritários, dogmáticos e fundamentalistas de uma educação “bancária” que costumam alienar os homens retirando o pensamento crítico por uma educação para de mercado. Os temas tratados pela filosofia contribuiriam para humanizar mais a educação e em especial os educandos. A dimensão do pensamento filosófico Freiriano contribui para a construção de uma

consciência coletiva sobre a realidade do estudante, retirando de sua comunidade elementos para o seu aprendizado e o sentido que tem a comunidade humana sobre a terra.

Direcionando o estudo até a filosofia sabe-se que através dela o pensamento, lógico e crítico são estimulados, auxiliando a compreensão, transformação, construção e preservação de concepções abrangentes de mundo. A filosofia se interessa por aquele instante em que a realidade natural (o mundo das coisas) e a história (o mundo dos homens) tornam-se estranhas, espantosas, incompreensíveis e enigmáticas, quando o senso comum já não sabe o que dizer e as ciências e as artes ainda não sabem o que pensar e dizer.

A filosofia ocupa-se com a origem, a forma e o conteúdo dos valores éticos, políticos, artísticos e culturais, bem como com a compreensão das causas e das formas de ilusão e do preconceito no plano individual e coletivo, com as transformações históricas dos conceitos, das ideias e dos valores. Percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, experiência, reflexão, comportamento, vontade, desejo e paixões são alvos da filosofia, modalidades de relação entre o ser humano e o mundo. O homem é o único animal dotado de racionalidade, deixou de “estar-aí para ser-aí” no mundo (LIMA VAZ, 1991, p. 176), desde então ele se pergunta sobre a utilidade das coisas. Chega a ser contraditório hoje, que o homem busque somente o que lhe é útil e se esquece da transcendência da filosofia que é a reflexão sobre a reflexão, é uma atividade reflexiva que se sustenta sobre outras atividades reflexivas, outras maneiras de pensar e agir. Uma atividade baseada na análise crítica de seus próprios conceitos e pressuposições, a fim de entender suas maneiras de discussão e dedução. Diante da importância da filosofia nos orienta Marilena Chauí (2002, p. 18):

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

A filosofia se mostra imprescindível na formação do educador, pois oferece a ele métodos para analisar profundamente a complexidade dos problemas educacionais e a contribuição das diferentes disciplinas pedagógicas para o desenvolvimento

intelectual dos alunos. A partir dessa constatação, pode-se dizer também que ela exerce enorme influência no processo de ensino-aprendizagem promovido nas escolas, estimulando a curiosidade, a reflexão e o pensamento crítico dos estudantes.

A filosofia nos dias atuais vem perdendo espaço para a era da informática e das redes sociais, num solavanco avassalador, nossa mente já recebe tudo "pronto", seja na forma de estímulos ao consumo, mídias e até de pensar e agir, a publicidade estuda o assunto a fundo em grandes grupos de pesquisa, para formatar o indivíduo através das redes ao qual ele tem acesso. Diariamente o cidadão fornece sem saber diversas informações primordiais a respeito de si mesmo e nem se dá conta disso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos a partir de então criar nossas primeiras impressões sobre quais contribuições a filosofia possibilita ao campo da educação e porque é necessária uma atitude filosófica. Como afirma Reboul (1971) poder-se-ia afirmar que a educação é talvez a prova decisiva do pensamento filosófico. Ela permite discernir o sentido humano dos debates filosóficos para lá dos seus aspectos técnicos, colocar os conceitos mais abstratos a prova da prática, bem como mostrar que a filosofia não é somente trabalho de especialistas, mas dos homens. Assim, para a atitude do educador ser entendida como filosófica, não basta apenas falar sobre conceitos, no caso, dentro dos campos da filosofia e da pedagogia, mas questionar o sentido e entender como os conceitos entre ambos os campos de conhecimento relacionam-se entre si e quais fatos expressam a produção de uma atitude pedagógica com finalidade reflexiva. Entende-se como de suma importância que o educador enquanto filósofo da educação reflita sobre a problemática educacional ao qual ele está inserido e que este busque um significado existencial para sua prática.

Para Rousseau a educação básica influencia no crescimento do aluno, sua técnica de aprendizado é racional e independente. De certa forma o aprendizado só é adquirido com experiência, do qual ele chama "experiência natural".

O processo educativo kantiano tem como primeiro passo formar o homem para viver em sociedade, transformando a coação externa em liberdade e autonomia e isso se traduz por fazer com que a disciplina imposta pelo educando passe a ser

gradativamente uma coação interna do ser humano, quando ele terá condições de dar-se leis e viver sob as mesmas.

Ensinar filosofia deve levar o estudante para o universo da problemática filosófica, fazendo com que ele observe que esse é o universo das possibilidades. Esse trabalho de discutir a filosofia irá permitir o caminho de um programa ou de temas a serem perpassados.

Essa possibilidade que foi traçado no início poderá ser modificado conforme a sequência das questões que estão sendo utilizadas pelo aluno e professor. Lançadas essas questões, devemos observar a possível percepção do estudante, de que a questão não pode ser explicada através das regras definidoras de nossas atitudes diárias, e o estudante usará de seu pensamento e raciocínio sem pressa para sua resposta, não passando por aquele processo acelerado, atitude que leva ao ritmo apressado da produção.

Para a Filosofia e as demais disciplinas, se ousarmos pensar sempre será melhor, sendo a paciência e a lentidão virtudes do pensar. Isso quer dizer que daremos tempo necessário para que o estudante possa acessar e rever suas experiências e refletir sobre elas. Com a visão metodológica e didática de ensino, tal prática significa deixar que discussão entre os estudantes possa seguir sem pressa de alcançar um resultado.

Outro método importante é o texto filosófico. Ao ser trabalhado em sala de aula devemos observar que eles não se prestam a verdades ou doutrinas absolutas, pois são o resultado de uma busca, e assim serão sujeitos à discussão. Sendo assim não podemos trabalhar com a escolha dos temas que está na moda, mas usaremos a moda para discutirmos as situações presentes no mundo do consumo e da cultura de massa.

Portanto, é de extrema importância a valorização do exercício diário da escuta, outro caminho a ser colocado em prática pelo professor em sala de aula. Com esse ponto ressaltado, devemos avaliar e considerar que é necessário cultivar o aprendizado de ouvir e respeitar a opinião do colega, sem que essa situação não signifique ser obrigado a aceitar tudo o que o outro diz, tendo em mente o saber discutir as opiniões colocadas.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2ª ed., São Paulo: Moderna, 1996.
- ARENDT, Hannah. **A crise na Educação: Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa De Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 221–246.
- AZEVEDO, Marco Antônio de oliveira. **A filosofia e seu ensino: desafios emergentes**. Porto Alegre, sulina, 2014.
- BOUFLEUER, José Pedro; NEITZEL, Odair. **O ensino da filosofia: um possível modo de situá-lo no currículo da educação básica**. X ANPESUL/UDESC, 2014.
- BRANGATTI, Paulo R. **O ensino de filosofia no segundo grau: uma necessidade de leitura do cotidiano**. Piracicaba: Unimep, 1993.
- BRASIL. Constituição (1988). **Artigo constitucional nº 205**, de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 14 maio 2020.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Editora Ática, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia no ensino médio**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2008.
- CUNHA, J. Auri. **Filosofia; iniciação à investigação filosófica**. São Paulo: Atual, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GALLO, Silvio; COHAN, Walter Omar (orgs.) **A filosofia no Ensino Médio**. Rio de Janeiro, Vozes 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 6.Ed. São Paulo: Atlas 2008. p. 10-11.
- HORN, Geraldo Balduino; VALESE, Rui. **O sentido e o “lugar” do texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio**. In: NOVAES, José Luís Corrêa; Disponível em: <<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/breve-historia-da-educacao>> Acesso em: 12 de nov. 2020
- KANT, I. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª Ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LIMA VAZ, Henrique C. Antropologia filosófica. In: \_\_\_\_\_. **Categoria do corpo próprio**. 4.Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MENDONÇA, Rosa Helena. Apresentação, p. 3 in: **Filosofia: ensino e educação – Salto para o Futuro**, 2011. Disponível em: <<http://salto.acerp.org.br/fotos/salto/series/18565710-Filosofia.pdf>> acesso em: 12 de nov. 2020

REALE, Giovanni, Antiseri; Dario. **História da Filosofia: Do humanismo a Kant / -** São Paulo: Paulus, 1990.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martin Fontes, 1995.

SAVIANI, Dermeval Saviani. **Contribuições da filosofia para a educação**. Em aberto, Brasília, ano 9, n.45, p.3-18, jan./mar. 1990.

SCOLNICOV, Samuel. **Platão e o problema educacional**. São Paulo: Loyola, 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia no ensino médio** – São Paulo: Cortez, 2014.

TEIXEIRA, Anísio. **Filosofia e educação**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.32, n.75, jul./set. 1959. p.14-27.